



Herói ou Anti-herói? A trajetória do personagem Rancho em “3 Idiotas” (2009) ¹

Bibiana NILSSON²

Miriam de Souza ROSSINI³

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS

RESUMO

O presente trabalho propõe analisar a trajetória do personagem Rancho no filme “3 Idiotas” (3 Idiots, 2009), dirigido por Rajkumar Hirani, buscando em que medida essa representação problematiza valores típicos à cultura indiana. Para isso apresentamos a cultura indiana, as definições de herói e anti-herói e investigamos características do herói indiano, influenciado diretamente por textos épicos clássicos com Mahabharata e Ramayana. Posteriormente, através da análise da narrativa fílmica, analisamos a figura central da obra a partir de sua oposição ao sistema de ensino e ao dharma.

PALAVRAS-CHAVE: cinema indiano; dimensões culturais; cultura indiana; herói; anti-herói.

Introdução

De acordo com previsões das Nações Unidas⁴, em 13 anos a população indiana ultrapassará a chinesa, tornando a Índia o país mais populoso do mundo. As consequências desta explosão demográfica para a nação de Gandhi ainda são incertas; inquestionável é, no entanto, que por conta deste fenômeno o subcontinente terá sua visibilidade sensivelmente aumentada. Segundo Pavan K. Varma (2004, p.2):

No século XXI, de cada seis habitantes do Planeta Terra, um será indiano. A Índia provavelmente emergirá como o segundo maior mercado consumidor do mundo, com uma classe média consumidora que ultrapassa o meio bilhão de pessoas. [...] A diáspora indiana é, após a chinesa, a segunda maior do

¹ Trabalho apresentado no DT 4 – Comunicação Audiovisual do XVI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 4 a 6 de junho de 2015.

² Mestranda do Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, email: bibiana.nilsson@ufrgs.br

³ Doutora em História (UFRGS) e Mestre em Cinema (USP). Graduada em Jornalismo (PUCRS) e em História (UFRGS). Professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação e do Departamento de Comunicação da UFRGS. Bolsista de Produtividade do CNPq, email: miriams.rossini@ufrgs.br

⁴ NAÇÕES UNIDAS. **World population projected to reach 9.6 billion by 2050 with most growth in developing regions, especially Africa – says UN.** World Population Prospects: The 2012 Revision. Disponível em: <http://esa.un.org/wpp/Documentation/pdf/WPP2012_Press_Release.pdf>. Acessado em: 12 abr. 2015.



mundo. [...] Queira o mundo ou não, no novo milênio será difícil não interagir de alguma forma com indianos.

Dada a importância aferida à economia no sistema capitalista em que nos inserimos, não é imprudente afirmar que nos próximos anos a tendência é de que a cultura indiana se difunda mais, graças ao crescente interesse ocidental no potencial mercado consumidor bilionário. Nesse contexto, torna-se ainda mais relevante um olhar sobre a cultura indiana, através de suas manifestações mais genuínas: o cinema.

Se no Brasil o cenário da indústria audiovisual está mudando, mas a televisão ainda é a “rainha do lar”, na Índia o posto é ocupado principalmente pelo cinema. É ele que atinge o maior público, dita modas, o que será tocado no rádio e discutido nas rodas de conversa. O papel social do cinema, na Índia, é fundamental para entender a sua cultura. Ainda com o advento da internet, o cinema é o todo-poderoso da indústria de entretenimento. Falar sobre o cinema indiano, portanto, é, necessariamente, falar sobre a cultura indiana, sua identidade e idiossincrasias.

O presente artigo pretende, portanto, propor uma aproximação com o cinema indiano, a *psyche* indiana e suas significações — um universo desconhecido pela maioria dos brasileiros e ignorado pela crítica especializada.

A opção por analisar o personagem Rancho no filme *3 Idiots* (“3 Idiotas”, 2009) se dá pelo alcance do longa de Rajkumar Hirani, considerado quinto maior sucesso de bilheteria da História de Bollywood, de acordo com recente levantamento do jornal *The Times of India*⁵. A partir de um breve estudo a respeito da cultura e do cinema indiano, procura-se analisar de que forma a representação do herói Rancho reforça/rechaça valores “tipicamente indianos”, fazendo assim com que o filme atue como um instrumento não apenas de entretenimento, mas também de crítica e reflexão da cultura indiana.

1.1 A Cultura Indiana

Berço de uma das culturas mais antigas do planeta e de três grandes religiões (Hinduísmo, Budismo e Jainismo), o subcontinente indiano abriga uma das nações com maior diversidade étnica e cultural. Nesse contexto, definir o que é a cultura ou o que caracteriza a identidade indiana, torna-se um desafio. Segundo Costa (2012, p.19):

⁵Top five highest grossing Bollywood films of all times. The Times of India. Disponível em: <<http://timesofindia.indiatimes.com/entertainment/hindi/bollywood/Top-five-highest-grossing-Bollywood-films-of-all-times/photostory/45759567.cms>>. Acessado em: 22 abril 2015



É perigoso generalizar um país com mais de um bilhão de pessoas, divididas em milhares de castas, com sete religiões e mais de vinte línguas oficiais. Os indianos atropelam definições categóricas por um motivo que encanta alguns e assusta outros: para cada afirmação, o oposto pode ser verdadeiro. Como se fosse um labirinto espelhado, as imagens são contrapostas com seus reflexos inversos.

A questão da definição da identidade não é um problema exclusivo do subcontinente. Hall (2006, p.7) ressalva que essa é uma questão amplamente discutida dentro da teoria social, pois se argumenta correntemente que “as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio”. As “velhas identidades” são componentes de sociedades tradicionais, em oposição à transitoriedade de sociedades modernas:

[...] nas sociedades tradicionais, o passado é venerado e os símbolos são valorizados porque contêm e perpetuam a experiência de gerações. A tradição é um meio de lidar com o tempo e o espaço, inserindo qualquer atividade ou experiência particular na continuidade do passado, presente e futuro, os quais, por sua vez, são estruturados por práticas sociais recorrentes (GIDDENS, 1990, p. 37-38, *apud* HALL 2006, p. 14-15).

Com base nessas definições, podemos afirmar que a sociedade indiana é tanto uma sociedade tradicional quanto moderna. O mito de identidade indiana questionado por Varma⁶ é, na verdade, uma identidade em constante processo de *des-* e *re-*construção. Ainda assim, porém, alguns traços característicos são produto de séculos de condicionamento e não mudam com o tempo; são eles que atribuem a um povo suas características peculiares (VARMA, 2004, p. 12).

Em busca dessas características, Geert Hofstede (2001, p.1) conceitua cultura como uma “programação mental coletiva, manifestada através de valores e outros elementos como símbolos, heróis e rituais que diferenciam os membros de diversos grupos entre si” e que é conservada e ensinada através das gerações. Hofstede utiliza o termo “cultura” para se referir à cultura nacional e compõe sua obra em forma de um grande estudo comparativo entre as culturas, a partir do que ele chama de “dimensões culturais” — categorias básicas e bipolarizadas para analisar países comparativamente, de acordo com sua cultura nacional. São estas dimensões: distância hierárquica;

⁶ O autor denuncia que durante muitos anos a elite indiana forjou uma “identidade indiana”, vendida ao crédulo estudioso ocidental. O problema maior, porém, de acordo com Varma, é que o criador acabou se apaixonando pela criatura: os próprios indianos passaram a acreditar na imagem por eles criada: Varma (2004, p. 4-9), essa “imagem” criou o mito do povo indiano com um povo **democrático por temperamento** (já que vivem em uma democracia desde 1947); **espiritual e tolerante por essência** (dada à diversidade religiosa no território indiano); **pacífico** (vide o processo de Independência pautado pela não-violência e liderado por Gandhi) e **não-materialista** (dada a importância da religião no cotidiano). O autor defende a desconstrução desses mitos e a discussão a respeito da verdadeira “identidade indiana”.



individualismo e coletivismo; masculinidade e feminilidade; evasão da incerteza, orientação a longo e a curto prazo.

Combinando as dimensões culturais propostas por Hofstede & Hofstede (2005), temos um breve “diagnóstico” da cultura indiana: uma *sociedade coletivista*, que *valoriza a hierarquia*, predominantemente *masculina*, em que há grande competitividade, *flexível com relação a ambiguidades e incertezas* e que, embora seja orientada *a longo prazo*, apresenta características de orientação *a curto prazo*, perceptíveis através da imensa preocupação com a preservação das tradições. Aliados a uma história milenar, essas dimensões ajudam a formar a “identidade” única e multifacetada da cultura indiana.

1.2 – Cinema Indiano: *Masala Movie*

Nesse país extremamente diverso, há um elemento que funciona enquanto elo capaz de unir a Índia de norte a sul, constituindo aspecto fundamental dessa cultura e sociedade: o cinema. Muito mais do que um produto para o entretenimento da população, o cinema é um produto social, oriundo de uma prática social e política (TURNER, 1997). A narrativa fílmica está historicamente situada e conseqüentemente sujeita às tensões inerentes. As imagens (cinematográficas) são elaboradas intencionalmente a partir de ideias sobre o real, sendo, portanto, simbólicas e portadoras de significado. Como afirmam Vanoye e Golyot-Lété em *Ensaio sobre Análise Fílmica* (2008, p.24), “um filme jamais é isolado. Participa de um movimento ou se vincula mais ou menos a uma tradição”.

Além de ser a principal forma de entretenimento, o cinema na Índia tem tradição centenária e características peculiares, que estão de acordo com o perfil e as demandas do público indiano. Independentemente de retratar determinado contexto histórico ou não, os filmes indianos *mainstream*, em sua maioria, nunca abandonaram uma representação de mundo sintética, idealizada e pouco realista, com foco no entretenimento do público.

Esse componente de entretenimento não surgiu com o cinema indiano, mas com o teatro persa, que o influenciou diretamente. De acordo com a pesquisadora Kathrin Hansen (2001), já no século XX as companhias de teatro persa (itinerárias, ou localizadas em cidades como Délhi e Calcutá) ofereciam aos espectadores um repertório variado, em cujas peças drama, comédia, danças — além de outros subgêneros e



esquetes — se misturavam de maneira aberta e eclética, ao mesmo tempo em que eram representadas por atores de diferentes regiões e religiões, apoiados por uma equipe igualmente variada (formada por compositores, escritores, e assim por diante).

Ir ao cinema na Índia é comumente um programa de entretenimento para toda a família (COSTA, 2012, p.239). A mistura de gêneros, para esse propósito, é garantia de sucesso: Como afirmou a respeito: “A multiplicação dos temas (amor, aventuras, comédia) dentro de um mesmo filme traduz um esforço de responder ao maior número de exigências específicas possível, ou seja, de se dirigir a um público potencialmente total” (MORIN, 1989, p.10). Dentro dessa lógica, nada melhor, para atender aos interesses e gostos de faixas etárias tão heterogêneas, do que a inspiração em narrativas baseadas em mitos que transcendem gerações — daí o porquê de muitos filmes *mainstream* indianos sustentarem seu enredo em variações dos clássicos milenares *Ramayana* e *Mahabharata*.

As características descritas acima contribuíram para que se criasse um novo termo para denominar esse novo gênero indiano de fazer filmes para as massas: *masala-movie*. “Massala” é qualquer mistura de condimentos ou temperos, normalmente em pó, utilizada para temperar comida ou bebida. Essa mescla apresenta inúmeras variações; a quantidade de cada elemento muda de acordo com o prato a ser servido, a época do ano, a região em que se está e até a ocasião. Assim, como os filmes indianos *mainstream* apresentam, em sua maioria, a mistura “tudo-em-um”: romance, aventura, drama, comédia, musical, suspense, a denominação serviu perfeitamente.

2 – Heróis, Anti-Heróis e o Cinema Indiano

De acordo Ana Maria Machado⁷, o herói é um arquétipo⁸: um elemento fundamental da *gramática da narrativa*, que em conjunto com outros elementos, constitui as “regras” que a efetivam. Para Vogler (2006), os arquétipos constituem o principal embasamento para a construção de personagens e suas respectivas funções em uma história. O herói sempre realiza uma trajetória, para a qual precisa deixar sua zona

⁷ No prefácio à segunda edição brasileira de *A Jornada do Escritor* (VOGLER, 2006, p.9)

⁸ Joseph L. Henderson (1977, p. 104) explica o conceito jungiano para “arquétipo”: arquétipos designam conteúdos psíquicos em sua forma imediata e bruta, não submetidos a elaborações conscientes, que fazem parte do inconsciente coletivo (Estrato profundo (inato e universalmente compartilhado) sobre o qual repousa nosso inconsciente pessoal). Trata-se da parte da psique que retém e transmite a herança psicológica comum da humanidade.



de conforto e passar por inúmeras provações, para então retornar, transformado, ao seu mundo original.

Em contrapartida, o anti-herói tem, sobretudo, uma função de estabelecer certa dialética no universo diegético no qual está inserido. Isso se dá através do questionamento, verbalmente expresso, ou de seu comportamento ou das características de sua personalidade, do *status quo* e dos valores vigentes. Brombert (2002, p.15) explica que os anti-heróis se contrapõem aos modelos tradicionais de figuras heroicas, podendo haver “grande vigor nessa oposição. Implícita ou explicitamente lançam dúvidas sobre valores que vêm sendo aceitos ou que foram julgados inabaláveis”.

O anti-herói é, portanto, um agente de conflito, porta-voz de questões fundamentais à condição humana, com a oposição entre valores individuais e coletivos, subversão, questionamento à autoridade, à hierarquia e ao “modo de viver” social vigente, entre outros. A função do anti-herói torna-se quase pedagógica, como explica Arenteso:

[...] a presença desse herói contraditório não é gratuita, seja qual for o seu aspecto representativo, ele sempre surge para questionar, satirizar, denunciar, criticar algum aspecto da sociedade – sua aparição faz brotar das mentes mais simples um pensamento crítico que instiga e induz à reflexão (ARANTESO, 2008 p. 28-29).

Heróis e anti-heróis misturam-se no cinema indiano, mas no imaginário popular, são os heróis que ocupam lugar de destaque – principalmente os protagonistas dos épicos *Mahabharata* e *Ramayana* (ou *Ramaiana*), obras frequentemente reinterpretadas e adaptadas, servindo como fonte de inspiração não apenas para roteiristas, mas também para a televisão e para tantos outros artistas (COSTA, 2012, p. 170). Os personagens desses clássicos fazem parte do “dia a dia” dos indianos, em dimensão difícil de ser imaginada sob padrões ocidentais (BACELLAR, 2011, p.89),

Uma das principais mensagens do *Ramayana* é a importância de se seguir o *dharma*⁹, um dos conceitos fundamentais da filosofia Hindu, que diz respeito, principalmente, à moral e aos rituais que devem ser realizados, variando de acordo com o status social e a fase da vida em que se está. Um “bom hindu” deve tomá-lo como base para suas ações e comportamento em todas as esferas de sua vida. Rama defendia a necessidade de se seguir o *dharma*, não importando o sacrifício necessário para atendê-lo: “Ninguém pode agir de acordo apenas com sua vontade, sempre existe a

⁹ Sem tradução exata para o português ou para o inglês, o conceito de *dharma* pode ser expresso somente a partir de termos associados ao seu significado em hindi: *dever, religião, justiça, lei, ética, mérito religioso, princípio e correto* (FLOOD, 1996, p.52).



interferência do destino. A morte e a velhice são apenas exemplos do que nos acontece sem que possamos evitar.” (BACELLAR, 2011, p.52).

Junto ao *Ramayana*, o *Mahabharata*¹⁰ é reverenciado como texto sagrado e forma a base do pensamento filosófico-religioso hindu há milhares de anos, constituindo uma das tradições vivas mais antigas do mundo. Sua influência no cinema indiano é igualmente fundamental. “Maha” significa “grande”, enquanto “Bharat” é o nome, em sânscrito, para o subcontinente indiano. Assim, *Mahabharatha* pode ser traduzido como “A Grande História da Índia”. Costuma-se dizer que o *Mahabharata* trata “de tudo que se possa imaginar, de romance a intrigas a política, astrologia e artes marciais” (DHARMA, 2009, p. 9). Simbolicamente, porém, o *Mahabharata* aborda uma grande guerra entre *dharma* e *adharma*: ambos colidem em uma batalha cósmica entre o bem e o mal, da qual o bem sai vitorioso.

Com base nos conceitos de cultura indiana, cinema indiano, herói e anti-herói apresentados neste artigo, estabeleceu-se que a melhor forma de analisar a trajetória do herói do filme em questão e problematizar sua caracterização híbrida enquanto herói com características anti-heróicas é através da análise das oposições que o personagem Rancho estabelece com determinados conceitos representados por vezes através de personagens e, portanto, nas interações resultantes destas.

3 - 3 Idiotas

Produzido e distribuído pelo estúdio Vinod Chopra Films, “3 Idiotas” (*3 Idiots*, 2009, cor, 35 mm, 164 min.) quebrou recordes de bilheteria na Índia, vencendo dezesseis dos vinte e sete prêmios no *International Indian Film Awards* de 2010 (o “Oscar” de Bollywood), incluindo os de melhor diretor e melhor filme. O longa foi o primeiro da história do cinema indiano a ser lançado no You Tube¹¹.

Inspirado no *bestseller* de Chetan Bhagat *Five point someone*¹², “3 Idiotas” trata da história da amizade entre Farhan Qureshi (R. Madhavan), Raju Rastogi (Sharman Joshi) e o personagem principal, Rancchodas Shyamaldas Chanchad (Aamir

¹⁰ Considerado o maior épico do mundo em extensão (são mais de 100 mil versos), estima-se que o *Mahabharata* tenha sido escrito entre 400 A.C e 400 D.C.

¹¹ Lançado oficialmente em 2012 no You Tube, o filme foi posteriormente removido do canal original, mas recolocado por internautas em outros canais do You Tube e em diferentes versões.

¹² Publicado em 2004, *Five Point Someone* trata da história de três jovens estudantes do Instituto Indiano de Tecnologia (IIT) que não conseguem lidar com o sistema: os testes da faculdade não refletem o que os rapazes julgam realmente importante: amigos, amor, sonhos e responsabilidades.



Khan) — conhecido por “Rancho”. “3 Idiotas” pode ser resumido, em poucas linhas, da seguinte forma: dois amigos (Farhan e Raju) partem em busca de seu companheiro (Rancho), há cinco anos desaparecido. Nessa procura, relembram os tempos da Faculdade de Engenharia onde estudaram e recuperam as memórias de seu amigo, que os inspirou a pensar de forma diferente.

A história de amizade tem como pano de fundo discussões de temas tradicionais e contemporâneos, como relação entre pais e filhos, críticas ao sistema educacional indiano, realização pessoal e um romance complicado. O protagonista do filme é Rancho, um personagem empático, de passado misterioso, que vai se desvelando ao longo da trama, cujo interesse primordial é aprender — e que justamente por isso questiona corajosamente o *status quo*, desafiando a autoridade máxima da tradicional Faculdade de Engenharia (*Indian College of Engineering – ICE*) onde estuda, representada através da figura do diretor da Faculdade, Vírus Sahastrabuddhe, pai de Pia, amada pelo herói.

Pertencente ao gênero *masala-movie*, “3 Idiotas” apresenta os temas de forma intercalada e misturada: há um pouco de drama, de comédia, de momentos sérios, e assim por diante. Apesar dos momentos de flashback intercalados (são três, ao longo do filme), a narrativa é construída com início, meio e fim bem marcados. Há dois tempos diegéticos distintos na narrativa: o “presente” — cinco anos após a formatura dos personagens — e o “passado”, referindo-se ao período da faculdade.

Como *masala-movie* típico, a narrativa apresenta uma série de elementos: há música (são cinco principais ao longo da trama, das quais duas são apresentadas com coreografia); romance (entre Pia e Rancho), ação (a busca por Rancho, o salvamento do pai de Raju quando este enfartou, a invasão do escritório de Vírus, o parto de Mona, o resgate de Pia durante o seu casamento), comédia (a primeira noite de Rancho na faculdade, o episódio do discurso de Chatur,) e drama (o suicídio de Joy Lobo, a tentativa de suicídio de Raju e seu coma, o enfrentamento de Farhan com seu pai) — isso para citar apenas algumas cenas que ilustram a existência de diversas tramas distintas no mesmo filme.

No decorrer da narrativa, Rancho corresponde à construção de herói defendida por Vogler (2006, p. 53-54), na medida em que demonstra qualidades únicas como criatividade e coragem aliadas à ousadia, além de emoções e motivações universais, “que todo mundo já tenha experimentado uma vez ou outra”, como raiva (contra Vírus, diretor da Faculdade), amor (por Pia), compaixão (pelos amigos), entre outros. É



Rancho quem “empurra a história para frente”, classificando-se assim, na categoria criada por Vogler de heróis “decididos, ativos [...] que não têm dúvidas do tipo sempre-em-frente, automotivados”. Ainda segundo a teoria de Vogler, a jornada de um herói é composta por atos: cada um deles “envia o herói por certo caminho, com uma intenção ou objetivo específico” (VOGLER, 1998, p. 23). Através da análise de “3 Idiotas”, podemos distinguir uma tarefa principal para o herói Rancho: questionar o sistema como um todo.

Para realizar essa missão, Rancho se depara com uma série de obstáculos, representados por determinados personagens, aos quais precisa se opor, construindo pares de oposição binários. Como afirma Turner (1997, p.78):

A maioria dos filmes começa estabelecendo as linhas de conflito que determinarão ou motivarão os fatos ou as ações da história. Aqui as oposições binárias podem ser úteis, pois geralmente o conflito é entre um par de forças opostas mutuamente excludentes. O herói está diante de uma ameaça, um desafio ou uma necessidade que precisa ser atendida ou satisfeita.

A seguir, analisaremos a missão de Rancho, a partir de algumas oposições marcantes no posicionamento do personagem, contextualizando-as através da descrição de cenas e diálogos escolhidos e intitulados, respectivamente: Rancho X Religião / *Dharma* e Rancho X Sistema de Ensino.

3.1 - Rancho X *Dharma*

O aprendizado a respeito da hierarquia começa na família, onde as crianças aprendem desde cedo que os mais velhos devem ser tratados de forma especial e respeitados ao extremo. A autoridade dos pais exerce influência fundamental sobre os filhos, independentemente de esses terem atingido ou não a maioridade: decisões maternas e paternas devem ser incondicionalmente acatadas, ainda que elas vão de encontro à vontade individual.

Como tantos jovens, Farhan, (um dos melhores amigos de Rancho), encontra-se encurralado entre *desejo* e *dever* (GANTI, 2013); seu *dharma* e os interesses familiares se opõem ao seu interesse individual. Era desejo do pai de Farhan que o filho se tornasse um engenheiro. Então, apesar de seu amor pela fotografia, Farhan vai estudar engenharia (Cena em 10’48): “1978. Eu nasci às 5h15min. Às 5h16 min., meu pai



anunciou: ‘meu filho será engenheiro — Farhan Qureshi, Bacharel em Engenharia’. E minha sorte foi determinada. O que eu queria ser, ninguém perguntou”.

Rancho é o primeiro a perceber a infelicidade do amigo e a motivá-lo a seguir seu próprio caminho, um conceito novo e estranho para uma cultura em que seguir o *dharma* e o que determinam os pais é a lei. Em uma ocasião em que Farhan se queixa sobre o seu baixo desempenho na Universidade (Cena em 1’35’’50), Rancho sugere ao companheiro que siga sua paixão, pois só assim conseguirá ser bem sucedido no que faz:

Rancho: Sabe por que eu sou o primeiro [no ranking de melhores alunos]?(...) Porque eu amo máquinas. Engenharia é minha paixão. Você sabe qual é a sua paixão? [...] Largue a Engenharia; case-se com a Fotografia. Siga seu talento. Se o pai do Michael Jackson o tivesse forçado a se tornar boxeador e o pai de Mohamed Ali o tivesse obrigado a virar um cantor... imagine o desastre.”

Um herói indiano tradicional — como os protagonistas de *Mahabharata* e *Ramayana* — nunca faria a proposta que Rancho fez ao amigo. Questionar a autoridade dos mais velhos ou negar-lhes um pedido não é considerado aceitável: o cumprimento do *dharma* é uma lei suprema para os hindus¹³. Ao propor que cada um siga a sua paixão, Rancho desafia a noção de *dharma*, ainda bastante forte na cultura Indiana, apesar das mudanças trazidas pela incipiente modernização cultural e econômica do país. Da mesma forma, de maneira muito discreta e indireta, o herói desafia a centralidade do papel da religião na vida dos indianos.

Na mesma cena em que motiva Farhan a seguir sua paixão pela fotografia, Rancho critica o amigo Raju, por sua “dependência” à religião — que pode ser vista através dos anéis nos dedos do amigo¹⁴. Na cena (em 1’17’’37) que precede a divulgação dos resultados dos exames, enquanto Raju reza em frente ao “altar” de seu quarto, pedindo por bons resultados, Rancho dorme. Como Raju, outros estudantes também rezam às imagens espalhadas pelo Campus ou trazem oferendas a animais considerados sagrados para o Hinduísmo, com a vaca e a cobra, enquanto o herói não recorre, em momento algum do filme, à religião, ou aos rituais religiosos — uma atitude subversiva para os padrões indianos.

¹³ “Os limites que estabelecem o que um hindu deve ou não fazer são determinados pelo grupo/casta no(a) qual ele está inserido, variando de acordo com a hierarquia e o gênero” (FLOOD, 1996, p. 12).

¹⁴ “Você é um covarde. Olhe para isso aqui: há mais anéis do que dedos. Um anel para cada medo — exames, dote da irmã, emprego. Com tanto medo do amanhã, como viverá o hoje? Com focará nos estudos?” (Cena em 1’35’’50)



3.2 – Rancho X Sistema de Ensino

A oposição entre Rancho e o diretor da Faculdade, Dr. Virus Sahastrabuddhe (chamado pelos alunos de Vírus) é o grande motor central da história e simboliza a dissonância entre sistema de ensino indiano (representado por Vírus) e os jovens (representados por Rancho).

O sistema de ensino indiano é típico de uma sociedade em que a *distância de poder* é grande: centrado no professor, que é tratado com deferência e respeito. Na sala de aula, é o professor que deve iniciar a comunicação e os estudantes podem falar apenas quando autorizados — nunca para questionar ou criticar abertamente um professor (HOFSTEDE & HOFSTEDE, 2005 p.53). Rancho desrespeita abertamente esse código sociocultural em mais de um momento, durante a narrativa. No primeiro deles (cena em 22’’24), o herói se opõe a um professor que não aceita sua definição do conceito de “máquinas”, por considerá-la simples demais. Rancho então lança uma pergunta, que não é respondida pelo professor: “Mas, senhor, é preciso entender o significado... Qual é o sentido de ficar recitando cegamente definições de livros?”.

Nessa cena, com em outras apresentadas no decorrer do filme, é possível verificar a oposição entre dois conceitos diferentes de aprendizado e de conhecimento. Para o professor, o fato de um aluno recitar um conceito de forma prolixa e complexa — como fez Chatur — sinaliza domínio do assunto. Já para Rancho, explicar algo de forma simples e compreensível é o que denota saber. Outra questão que fica clara nessas cenas é a forma com que os professores no ICE (e, simbolicamente, nas demais Instituições de Ensino Superior indianas) lidam com perguntas e questionamentos vindos de alunos: não os aceitando. Na Índia, o professor é habitualmente chamado de “guru”, termo derivado do sânscrito para “significativo e honorável” (HOFSTEDE & HOFSTEDE, 2005 p.53). Ao confrontar abertamente o professor, Rancho ofendeu-o e “merecia”, portanto, um castigo: ser expulso da aula.

Em outro momento, à frente de Vírus e de dezenas de colegas (na Cena em 39’’) o herói faz uma crítica ainda mais contundente ao sistema de ensino, que sob sua ótica “treina” (domestica) os alunos, mas não os educa:

Rancho: Qual é a utilidade de métodos assim; mesmo se você for o primeiro, seu conhecimento aumentará? Não, apenas a pressão. Isto é uma Faculdade, não uma panela de pressão. Até um leão de circo aprende a sentar em uma cadeira e temer o chicote. Mas chama-se um leão assim de ‘bem treinado’, não ‘bem educado’.



Considera-se que a Índia possui uma história milenar, preservada, muitas vezes, através da manutenção das tradições. Varma (2004, p.130) chama a atenção para o fato de que “sociedades milenares se perpetuam através da ausência de questionamento”. Sendo um “produto” de tal sociedade, os hindus, por reflexo, preferem aceitar a desafiar: “Como resultado, suspeita-se de inovações e evita-se, inconscientemente, atividades que fujam aos padrões tradicionais” (KAKAR, 1996, p.48, *apud* VARMA, 2004, p.130). Conformar-se e calar-se é uma forma de se adequar ao grupo e não ferir a rígida organização baseada na grande *distância de poder*, um dos alicerces mais importantes da cultura indiana.

4. Considerações Finais

A partir dessas duas oposições estabelecidas pelo personagem Rancho no decorrer da narrativa de “3 Idiotas”, podemos constatar que o personagem em questão pouco se assemelha aos heróis indianos clássicos — inclusive de Bollywood — inspirados nos clássico *Mahabharata* e *Ramayana*. Rancho não é um guerreiro, não obedece à hierarquia, não segue os conselhos ou às ordens dos mais velhos, quão menos defende a ideia de *dharma*.

Considerando o conceito de anti-herói de Brombert (2002) como uma espécie de subversor, — um personagem que não se ajusta aos modelos tradicionais de figuras heroicas, podendo inclusive se contrapor a eles — observamos que a construção do personagem Rancho tem características anti-heroicas marcantes, a começar pela sua identidade. A real identidade de “Rancho” é revelada apenas na metade do filme¹⁵: o verdadeiro “Rancho” era um rapaz pobre, que através de uma fraude conseguiu acesso à Universidade. Trata-se, portanto, de um personagem que não segue o seu *dharma* desde o início — alguém fora do sistema, mas que nem por isso se torna vilão.

Rancho tem coragem de lançar dúvidas sobre valores até então aceitos ou considerados inabaláveis. Inserido no contexto indiano, ele funciona como porta-voz de questões fundamentais à Índia, como a discussão sobre o sistema de ensino, hierarquia, (super)valorização da riqueza material, religião, escolha profissional, casamento, ao “modo de viver” social vigente, dentre outras questões. Simplesmente por suscitar o

¹⁵ Na cena em 1’54”, revela-se que “Rancho é, na verdade, “Chhote”, filho do jardineiro do pai do real Ranchodas Schamaldas Chanchad. Desde a infância, Chhote apresentava paixão por aprender e era muito inteligente, ao contrário de Ranchodas. A fim de obter o diploma de Engenharia para o filho pouco talentoso, o pai de Ranchodas realiza uma fraude: envia Chhote – sob identidade falsa de Ranchodas — à Faculdade de Engenharia.



debate em uma sociedade em que isso não ocorre normalmente, Rancho se torna um agente de conflito — o que não deixa de constituir em um ato heroico, dentro de uma cultura tradicional, que tende a abafar vozes dissonantes.

É necessário ressaltar, no entanto, que Rancho continua sendo um “típico herói bollywoodiano”, na medida em que simboliza o Bem, o Amor (puro e casto), a Integridade, a Justiça e o Dever. Em “3 Idiotas”, como em tantos outros filmes de Bollywood, o Bem (Rancho) triunfa sobre o Mal (Vírus, Suhas, Chatur); a virtude também triunfa, e o trabalho duro, a persistência e as boas intenções são recompensados (GANTI, 2013, p.107).

As características anti-heróicas de Rancho, entretanto, fazem com que ele tenha, como personagem, uma função de conduzir à reflexão, pois, apoiando-nos em Brombert (2002, p.14), podemos dizer que ele “contesta [...] pressuposições, suscitando mais uma vez a questão de como nós nos vemos ou queremos ver”. Em um país onde tradição milenar e modernidade convivem de forma única e que tem 50% da população com menos de 25 anos, essa discussão acerca de imagem/identidade levantada pelo filme se torna fundamental. Ainda que o personagem Rancho não subverta completamente a figura do herói e do *status quo*, suas atitudes são ousadas para os padrões indianos. O filme incitou o debate a respeito do sistema de ensino e da questão do suicídio de jovens; comportando, portanto, implicações éticas e políticas importantes.

Segundo Turner, (1997, p.82), “é possível captar as mudanças sociais nas mudanças [...] que ocorrem na narrativa”. Podemos afirmar, portanto, que o fato de Rancho ser representado enquanto um “herói de Bollywood”, mas com algumas características anti-heroicas marcantes, é um provável sintoma de mudanças na própria sociedade indiana, o que contribuiu para sua ampla audiência. Não apenas, mas principalmente os jovens indianos se identificaram com o protagonista. Como afirma Morin (1989, p.64):

Mais intensamente que em qualquer outro espetáculo, o cinema implica um processo de identificação psíquica entre o espectador e a ação representada. O espectador vive, no nível psíquico, a vida imaginária, intensa, valorosa, apaixonada dos heróis dos filmes, isto é, identifica-se com eles.

A representação de Rancho enquanto jovem inconformado com o sistema de ensino, contrário à opressão (no ambiente acadêmico e familiar), avesso à religião e à



acumulação de riqueza material, defensor ferrenho do direito de escolha individual e ávido por inovar deu voz às opiniões e aspirações de milhares de jovens indianos.

Ao suscitar o debate a respeito de questões delicadas em uma sociedade que normalmente cala a respeito, Rancho se torna um agente de conflito, um anti-herói. Essa subversão, no entanto, tem medida. Embora o personagem não se ajuste aos modelos tradicionais de figuras heroicas indianas dos clássicos, ele ainda é, sim, um herói bonito e inteligente, que defende o bem e a virtude.

Ousamos trazer aqui a hipótese de que seja esse equilíbrio entre características heroicas e anti-heroicas o responsável pela empatia dos indianos com Rancho e suas ideias “revolucionárias”. Será que se Rancho fosse *só* subversivo o sucesso de bilheteria de “3 Idiotas” seria o mesmo? Os espectadores iriam ao cinema assistir um anti-herói que, por exemplo, defendesse a revolução de costumes, como o fim absoluto da hierarquia, a recusa radical do *dharma* e da religião? A resposta para essas perguntas é provavelmente negativa.

A representação do herói com algumas características anti-heróicas contribuiu para o processo de identificação do público com a estrela do filme, suscitando um amplo debate crítico a respeito dos temas abordados, e resultando em uma das maiores bilheterias de todos os tempos da história de Bollywood.

REFERÊNCIAS

HIRANI, Rajkumar. 3 Idiots. **You Tube**. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=24MpxPI371M>>. Acessado em: 20 de abril de 2015

ARANTES, Aldinéia Cardoso. **O estatuto do anti-herói: Estudo da origem e representação em análise crítica do Satyricon, de Petrônio e Dom Quixote, de Cervantes** [dissertação]. Universidade Estadual de Maringá; 2008

BACELLAR, Laura. O Ramayana. São Paulo: Berlendis eVertecchia, 2011.

BALLERINI, Franthiesco. **Diários de Bollywood: curiosidades e segredos da maior indústria de cinema do mundo**. São Paulo: Sumus, 2009.

BROMBERT, Victor. **Em louvor de anti-heróis**. São Paulo: Ateliê Editoria, 2002.

COSTA, Florência. **Os indianos**. São Paulo: Contexto, 2012.



DHARMA, Krishna. **Mahabharata: Versão Ilustrada do maior épico do mundo**. Tradução de Vânia de Castro. São Paulo: Ediouro: 2009.

FLOOD, Gavin. **An Introduction to Hinduism**. Cambridge University Press, 1996.

GANTI, Tejaswini. **Routledge Film Guidebooks : Bollywood**. Second Edition. London and New York: routledge taylor & Francis Group, 2013.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11ª edição. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HANSEN, Kathrin. **Parsi Theater, Urdu Drama, and the Communalization of Knowledge: A Bibliographic Essay**. Universidade do Texas, 2001. Disponível em: <www.utexas.edu/cola/files/350325>. Acessado em 4 de abril de 2013.

HENDERSON, Joseph L. Os mitos antigos e o homem moderno *in* **O Homem e seus Símbolos : concepção e organização de Carl G. Jung**. 21 edicao. Rio de janeiro: Nova fronteira, 1977

HOFSTEDE, Geert. **Values and Culture in Culture`s Consequences. Comparing values, behaviors, institutions and organizations across nations**. Second Edition. United States of America: Sage Publications, 2001.

HOFSTEDE, Geert e HOFSTEDE, Geert Jan. **Cultures and organizations: software of the mind**. The Mc-Graw Hill Companies, 2005.

MORIN, Edgar. **As estrelas: mito e sedução no cinema**. Rio de janeiro: Jose Olympio, 1989.

TURNER, Graeme. **Cinema como pratica social**. São Paulo: Summus, 1997.

VANOYE, Francis e GOLIOT-LÉTÉ, Anne. **Ensaio sobre a análise fílmica**. 5ª. Edição. Campinas, SP: Papyrus, 2008.

VARMA, K. Pavan. **Being Indian**. New Delhi: Penguin Books, 2004.

VOGLER, Christopher. **A Jornada do Escritor**. 2ª edição. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2006.